# *O maior negócio* do país

Estamos na reta final da campanha presidencial. No fim deste mês, 115 milhões de eleitores terão eleito seu próximo presidente e alguns estados, seus novos governadores. A notícia está nas páginas de todos os jornais e revistas.

Todos nós sabemos que esta é a quarta vez consecutiva em que os brasileiros escolhem livremente seus governantes, um dos mais longos períodos democráticos vividos no Brasil. Somos uma jovem democracia, que se mostra cada vez mais madura e consolidada.

Até aqui, a campanha transcorre em nível satisfatório, conforme padrões nem sempre alcançados em países democráticos de mais longa data. Todos ganham com o embate eleitoral. É o momento em que os cidadãos podem parar um instante para olhar as dificuldades, sempre muitas, e também as conquistas recentes. Entre nós, todos concordam que a estabilização monetária é uma conquista recente muito importante e que precisa ser preservada, a despeito das carências internas e das crises importadas ou domésticas.

Os avanços registrados no agronegócio também freqüentaram a campanha. Aliás, os principais candidatos em boa hora descobriram o conceito de agronegócio e a ele se referiram reiteradas vezes. De uma hora para outra, o Brasil parece descobrir que o agronegocío é o maior negócio do país, seja em termos de geração de emprego, de renda, de divisas, de tributos ou de capacidade de atrair investimentos. É o Brasil urbano, tecnologicamente moderno e sofisticado, a descobrir que o agronegócio, sozinho, responde por um superávit crescente com o exterior, que alcançou, em 2001, US$19 bilhões – mais do que o déficit acumulado pelos demais segmentos econômicos, o que viabilizou o primeiro saldo comercial positivo do país desde 1994, de US$2,6 bilhões.

Tudo isso decorre, em boa medida, dos avanços registrados na agricultura brasileira, a base em que se alicerça o agronegócio. E permanecem muito positivas as perspectivas da agricultura. O café, depois de longo período de preços muito baixos, já vê luz no fim do túnel. A crise, de um lado, depurou os mais fracos, mas o Brasil sai dela fortalecido, dado que os perversos efeitos do longo período de baixos preços afetaram muito mais alguns dos concorrentes. Os grãos, principalmente a soja, parecem entrar em período de preços positivos, a despeito do protecionismo dos países desenvolvidos. As cadeias das carnes apresentam ao Brasil possibilidades extremamente positivas. Há muitas notícias boas. É hora de o rural brasileiro mostrar ao Brasil urbano, sofisticado, que o campo pode e já está fazendo muito pelo país. É hora de consolidar a mudança de imagem.

* * *

A edição deste número aconteceu em momento de profunda tristeza de toda equipe da Revista. Perdemos um grande amigo e um parceiro de primeira hora, o diretor executivo da Abag, Antonio Hermínio Pinazza. Perdemos nós e perdeu também o agronegócio, que não conta mais com a postura sensata, firme, mas conciliadora do Pinazão, como era tratado carinhosamente pelos que tiveram a sorte de com ele conviver e de privar de sua amizade. Obrigado pela tua existência, irmão.

**A Redação**